

Enquanto ainda contemplamos Maria na gruta onde Jesus nasceu, podemos perguntar-nos: com qual linguagem nos fala a Virgem Santa? Como fala Maria? O que podemos aprender com ela para este ano que se abre? Podemos dizer: “Nossa Senhora, ensina-nos o que devemos fazer neste ano”.

Papa Francisco, *Angelus*, 1 de janeiro de 2023



Boletim de Espiritualidade

1 JANEIRO 2024
Ano XI Nº 115

115



Agenda janeiro 2024

- 5 e 6 **Braga** (Casa de Soutelo) – Meeting de religiosos e religiosas de inspiração inaciana [🔗](#)
- 5 a 7 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXVI Rumos [🔗](#)
- 6 **Colares** (Santo Inácio) – Retiro de 1 dia [🔗](#)
- 8 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontros Bíblicos [🔗](#)
- 9 **Porto** (C. Cultura Católica) – *Ministérios numa Igreja sinodal* – João da Silva Peixoto [🔗](#)
- 9 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 11 a 14 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 11 a 14 **Colares** (Santo Inácio) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 11 a 17 **Ávila** (CITeS) – Curso de Liturgia – Manuel Sánchez [🔗](#)
- 12 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 12 a 14 **Fátima** (Domus Carmeli) – 5º módulo da Escola de Maria: «Maria, Mãe da Igreja» [🔗](#)
- 12 a 14 **Ávila** (CITeS) – Meditação e contemplação: *luzes e sombras* – Maribel Rodríguez [🔗](#)
- 13 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus [🔗](#)
- 13 **Leiria** (Seminário) – Formação pedagógica para agentes de pastoral juvenil [🔗](#)
- 18 a 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 19 a 21 **Ávila** (CITeS) – Cidadãos da terra e do céu: IX Jornada da Cátedra Enrique de Ossó [🔗](#)
- 19 a 21 **Colares** (Santo Inácio) – Eneagrama para casais [🔗](#)
- 20 **Braga** (Carmo) – *Encontros junto à fonte* (reflexão, diálogo e oração) [🔗](#)
- 20 e 21 **Colares** (Santo Inácio) – Fim de semana para noivos [🔗](#)
- 26 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 26 a 28 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro GOT [🔗](#)
- 27 **Leiria** (Seminário) – Formação pedagógica para agentes de pastoral juvenil [🔗](#)
- 27 **Braga** (Casa de Soutelo) – Plataforma de artistas [🔗](#)
- 27 e 28 **Braga** (Casa de Soutelo) – Encontro retiro para referentes pastorais [🔗](#)
- 28 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 30 **Braga** (Casa de Soutelo) – Convívio para jovens sacerdotes [🔗](#)
- 30 a 1fev **Fátima** (Santuário) – Jornadas de formação do clero do centro: *Evangelização e comunidades* [🔗](#)

Agenda fevereiro 2024

- 2 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 2 a 4 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama I [🔗](#)
- 2 a 4 **Ávila** (CITeS) – O despertar da interioridade – Fernando Donaire [🔗](#)
- 3 e 4 **Colares** (Santo Inácio) – Fim de semana para noivos [🔗](#)
- 5 e 6 **Braga** (Casa de Soutelo) – Meeting de religiosos e religiosas de inspiração inaciana [🔗](#)
- 5 a 9 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro para Sacerdotes – Joaquim Teixeira, com a colaboração do Carmelo de S. José [🔗](#)
- 6 **Porto** (C. Cultura Católica) – *Escutar, o Verbo do cuidar* – José Nuno Silva [🔗](#)
- 6 a 13 **Colares** (Santo Inácio) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 9 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 9 a 12 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 10 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus [🔗](#)
- 12 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontros Bíblicos [🔗](#)
- 15 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 16 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 16 **Braga** (Casa de Soutelo) – Formação de animadores de movimentos e grupos, líderes e influencers cristãos [🔗](#)
- 16 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Rezar a Quaresma com Ety Hillesum [🔗](#)
- 16 e 18 **Colares** (Santo Inácio) – Relógio da família [🔗](#)
- 17 **Braga** (Carmo) – *Tardes com Deus* [🔗](#)
- 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Jovens adultos consagrados [🔗](#)
- 17 **Colares** (Santo Inácio) – Retiro de 1 dia [🔗](#)
- 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Catequese de Quaresma [🔗](#)
- 21 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 22 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 23 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 23 a 25 **Ávila** (CITeS) – Processo de desenvolvimento humano e espiritual a partir do Livro da Vida [🔗](#)
- 24 **Lisboa** (CCL) – «Faith's Night Out»: *É na Esperança que somos salvos* [🔗](#)
- 25 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)



Natal e Trindade divina – II

Armindo Vaz, OCD

Como víamos celebrando o Natal de Jesus, por muitas outras razões que procuremos para a encarnação de Deus nele, na Bíblia só o seu amor nos sai ao caminho: fez-se homem em Jesus por amor. A Teologia é que descobriu outra razão no suposto pecado de Adão, inexistente (para compreender essa inexistência, remetemos para o livro *Criação divina sem pecado humano*, Paulinas Editora 2023). É mesmo significativo – interessante para os carmelitas – constatar que na longa romança em que S. João da Cruz canta a história da salvação desde “o princípio” até ao nascimento de Jesus, a encarnação está pedida e prevista no âmbito da criação; sente-se e acontece no desenvolvimento da história da salvação e como ponto culminante dela. Para suposta estranheza dos teólogos contemporâneos, o teólogo místico carmelita não diz que a encarnação do Filho de Deus em Jesus foi causada por um pecado do homem. Nem sequer fala de pecado. De que fala então? Em linha com S. Paulo, fala de amor a vários níveis, de amor a Três, amor que “no princípio” concebe o plano de salvação e amor que o executa: “No princípio morava o Verbo, / e o Verbo em Deus vivia... / Assim a glória do Filho / É a que no Pai havia... / Como o amado no amante / Um no outro residia, / E aquele amor que os une / No mesmo coincidia... / Três pessoas e um amado / Entre todos três havia; / Um amor em todas elas / Um só amante os fazia: / O amante é o amado / Em que cada qual vivia... / Pois o amor, quanto mais uno, / Tanto mais amor fazia. / Em aquele amor imenso / Que de ambos procedia / Palavras de grande gozo / O Pai ao Filho dizia: / «Uma esposa que te ame [Humanidade], / Meu Filho, dar-te queria, / Que por teu amor mereça / Ter a nossa companhia» / «Muito te agradeço, Pai, / – O Filho lhe respondia – / À esposa que me deres / A minha luz eu daria...» / «Faça-se, pois, disse o Pai, / Teu amor o merecia». / E neste dito que disse / o mundo criado havia”. E, depois de longa espera da encarnação do Filho [no fim da romança], o Pai... “chamou então um arcanjo / Que Gabriel se dizia / E enviou-o a uma donzela / Que se chamava Maria..., / Na qual a Suma Trindade / De carne o Verbo vestia. / E, embora de três a obra, / Somente num se fazia; / Ficou o Verbo encarnado / Em o ventre de Maria. / E o que tinha apenas Pai, / Também já Mãe possuía”.

Como se vê, Deus trino não é um dogma estático, nem um deus abstracto. É Deus em acção e em movimento de amor na história humana. Já o Antigo Testamento, a Bíblia hebraica, diz que caminhava no meio do povo e perdoava o seu pecado histórico; era «Deus para nós». No Novo Testamento conjuga-se em três Pessoas, um Deus cujo ser é amar; e no momento em que deixasse de amar deixaria de ser. E o seu amar, chegado até nós em Jesus, é salvação. O seu amor é que nos salva: “Deus não mandou o Filho ao mundo para julgar o mundo,



AGABITI, Pietro Paolo – Natividade (1534)
Museu cristão, Esztergom

mas para que o mundo seja salvo por meio dele; quem crê nele não é condenado” (Jo 3,17-18).

E agora podemos arredondar esta reflexão. Costumamos dizer – também porque o Novo Testamento o diz – que Jesus, enviado do Pai, nos veio libertar e nos liberta do nosso pecado pessoal pelo Espírito Santo: “o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Mas este acto de fé poderia entender-se assim: Jesus salvou-nos pelo amor, pelo seu amor, que era amor de Deus; e tanto amor perdoou e cancelou os pecados: “Ele/Deus mesmo nos amou enviando o seu Filho como vítima de perdão dos nossos pecados” (1Jo 4,10), como se o perdão dos pecados fosse uma concretização do amor que salva. De facto S. Agostinho remata a este propósito: “Onde há amor não é preciso o perdão, porque quando amas, amas e basta”. Deus salva com o seu Amor. O amor é o poder mais forte que existe em Deus: é no amor que Ele é onipotente. E tanto amor anula o pecado, como o fogo purifica as impurezas do madeiro.

Sublime realidade! De graça! Graças a Deus, Pai, Filho e Espírito! E nós, que temos de fazer? Um acto de fé e de adesão a Jesus: “Tanto amou o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito, para que todo *aquele que crê nele* não pereça mas *tenha a vida definitiva*”. Nós só conhecemos bem o excesso do amor de Deus para conosco quando o acolhemos e vivemos à medida e ao estilo do evangelho de Jesus. Foi esse conhecimento que o evangelho deu à vida dos santos. A fé em Jesus já é experiência de vida, enquanto abertura ao Amor, ao Espírito de Deus Pai.

«Escuta, Israel!»

Seleção de textos bíblicos por Armindo Vaz, OCD

«Eis o que diz o Senhor, aquele que te resgata,
O Santo de Israel:
Eu sou o Senhor, teu Deus,
Que te ensino o que é para teu proveito
E te conduzo pelo caminho que deves seguir.
Se tivesses prestado atenção às minhas ordens,
A tua paz seria como um rio;
E a tua justiça, como as ondas do mar;
A tua descendência seria como a areia
E como os seus grãos os rebentos das tuas
entranhas:
Nunca o seu nome seria tirado
Nem riscado da minha presença» (Is 48,17-19).

«Ó Deus, concede ao rei o teu modo de julgar
E ao filho do rei a tua justiça.
Que ele julgue o teu povo na justiça
E os teus pobres com equidade.
Que os montes tragam a paz (*šalôm* em hebraico)
ao povo;
E as colinas, a justiça.
Que o rei tome a defesa dos humildes do povo,
Ajude os necessitados e esmague os opressores...
Que em seus dias floresçam a justiça
E uma grande paz (*šalôm* em hebraico) até à extinção da lua.
Que ele domine de um ao outro mar,
Do grande rio até aos confins da terra...
Ele socorrerá o pobre que o invoca
E o indigente que não tem quem o ajude;
Terá compaixão do humilde e do pobre
E salvará a vida dos necessitados.
Livrará a sua vida da opressão e da *violência* [*hamás*, em hebraico],
Porque a vida deles é preciosa a seus olhos...
Que o seu nome permaneça para sempre,



Que o seu nome se perpetue enquanto o sol durar.
Por ele sentir-se-ão abençoados todos os povos,
Todas as nações o hão-de felicitar.
Bendito seja o Senhor, Deus, o Deus de Israel,
O único a realizar maravilhas.
Bendito seja para sempre o seu nome glorioso
E encha-se a terra inteira da sua glória. Ámen! Ámen!» (Sl 72).

Rumos, encontro para jovens

Fátima, 5 a 7 de janeiro



Ao longo do ano de 2024 os Carmelitas Descalços vão realizar três encontros *Rumos* destinados a jovens que pretendam discernir, clarificar ou confirmar a sua vocação, seja ela para a vida laical, matrimonial, sacerdotal ou consagrada. O primeiro encontro será de 5 a 7 de janeiro, seguindo-se o segundo de 22 a 24 de março e a finalizar, o encontro de 6 a 8 de setembro. O local será sempre em Fátima, na Domus Carmeli e no Carmelo de S. José. Estes encontros vocacionais são orientados por dois casais, dois sacerdotes e dois consagrados que apresentarão um conjunto de reflexões e pistas de trabalho para que os jovens se possam questionar e descobrir o que é que Deus espera deles. O itinerário contempla 4 encontros mas cada jovem pode vir nas datas que lhe forem possíveis, pois os encontros estão organizados de tal forma que nunca se perde o fio condutor. Além destes encontros, cada jovem pode escolher um casal dos carmelitas seculares, um padre ou uma irmã carmelitas para serem acompanhados pessoalmente. 🔍

"desCodificar Fátima"

III seminário de temas sobre a história e a mensagem de Fátima



O Santuário de Fátima, através do seu Departamento de Estudos, dinamiza, no mês de janeiro, o seminário "desCodificar Fátima", que vai apresentar alguns dos temas que constituem o fenómeno de Fátima, perspetivando-o como um dos mais importantes acontecimentos religiosos da contemporaneidade. A cada uma das quatro sessões, que decorrem *on-line*, nos dias 10, 17, 24 e 31 de janeiro, das 21h15 — 22h15, serão apresentados dois temas, à maneira de sínteses, sobre o primeiro século de Fátima. 🔍

Congresso sobre Santa Teresa de Liseux

«No coração da Igreja»

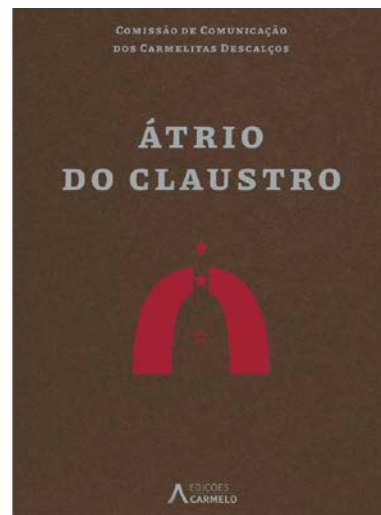


A celebração dos 150 anos do nascimento de S. Teresinha do Menino Jesus (2023) e dos 100 anos de beatificação (2023) e canonização (2025), são um bom pretexto para redescobrir a vida da jovem carmelita de Lisieux. Neste sentido, os Carmelitas Descalços vão realizar um congresso de 19 a 21 de abril de 2024, em Fátima (Domus Carmeli), sob o mote "No Coração da Igreja". «Queremo-nos aproximar do coração da sua experiência e nela encontrar as razões da atração que Teresinha continua a exercer em todos os cristãos», refere a organização. 🔍

Átrio do claustro

Comissão de Comunicação

da Província dos Padres Carmelitas Descalços



A cada terça-feira, o sítio dos carmelitas descaltos publica um texto na *Claustro*. Cada texto publicado converte aquela espécie de revista digital num lugar privilegiado de diálogo entre o Evangelho e o mundo, a Igreja e a sociedade. No convento ou no mosteiro o claustro é o espaço que faz a mediação entre o interior e o exterior. Cada texto ali publicado situa-nos dentro e, desde dentro, abertos ao de fora, ao diferente, ao divergente, ao avesso, como quem partilha um pedaço de caminho e condivide as razões da sua esperança. Os textos da *Claustro* são escritos por carmelitas descaltos: sacerdotes, monjas e leigos; sobretudo leigos e leigas, fazendo apelo, cada um, cada uma, e a seu tempo, às ferramentas de que dispõe e em que é mestre para bem servir o Evangelho.

Publicação: Edições Carmelo 🔍

claustrO

A Ciência e a Fé. Gustavo Borges refere que «a ciência é um campo de inovação fantástico que continua a surpreender a humanidade através da capacidade criativa, e da inteligência de todos quantos a dominam e procuram inovar», e que «a Igreja tem um papel cada vez mais importante no caminho que a Ciência pode trilhar, orientando-a e aos seus cientistas para que as suas descobertas sejam usadas em prol do bem comum e não voltadas para o egocentrismo e o proveito próprio». 🔍

Pinceladas de arco-íris e outras cores: A pintura como impulso para novas aprendizagens.

Verónica Parente, faz-nos despertar para a importância da arte em nós e de como a pintura, enquanto forma de expressão artística diversificada e criativa tem sido praticada e apreciada ao longo da história da humanidade: «Seremos criativos, utilizarmos a criatividade é um processo individual e único». 🔍



Um fogo no meio da noite*

Frei Francisco Maria Braguês, OCD

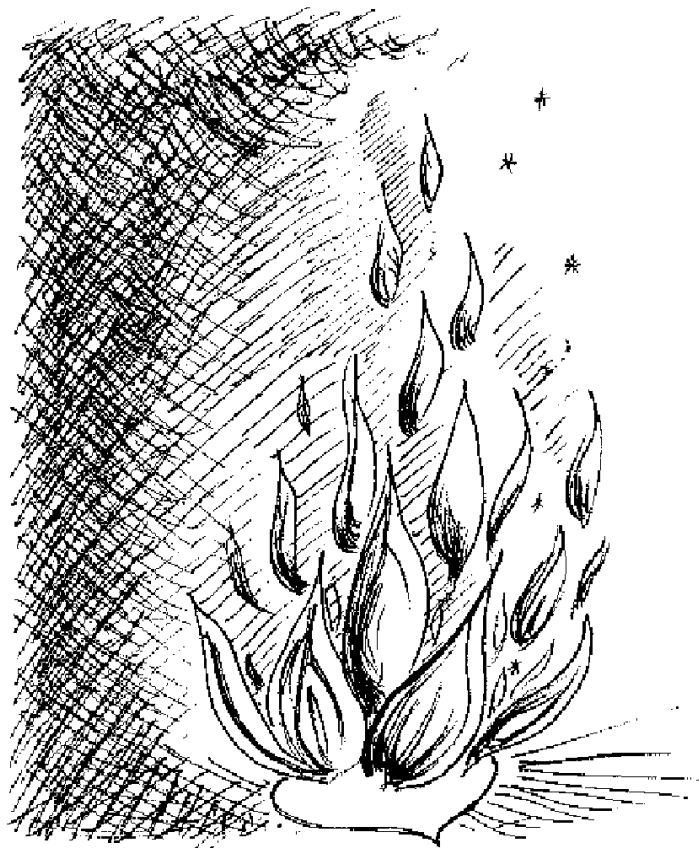
Eis-nos chegados ao mês de dezembro, ao mês em que publicaremos o último texto dedicado a Santa Teresinha neste ano jubilar que estamos a viver. Ao longo destes doze meses, procurámos olhar, contemplar, refletir, aprender e aprofundar a partir desta figura ímpar da história da Igreja e da sociedade.

No dia 15 de outubro, o Papa Francisco publicou uma Exortação Apostólica intitulada *C'est la confiance*, «sobre a Confiança no Amor Misericordioso de Deus». Também o Santo Padre quis marcar este ano jubilar com um texto do seu punho, onde sintetiza a profunda e riquíssima doutrina espiritual de Santa Teresinha a partir da tônica da confiança. A data escolhida é também especial. Não se trata de um dia relativo à pequena Teresinha, mas sim a Teresa de Jesus, ao dia em que a Igreja recorda essa grande mulher. O Papa explica: «Não quis publicar esta Exortação em nenhuma dessas datas, nem no dia da sua Memória, para que a mensagem se situe para lá dessas ocorrências e seja assumida como parte do tesouro espiritual da Igreja. A data da presente publicação, Memória de Santa Teresa de Ávila, quer apresentar Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face como fruto maduro da reforma do Carmelo e da espiritualidade da grande Santa espanhola» (*C'est la confiance*, 4).

O convite que faço ao leitor é, naturalmente, debruçar-se sobre este documento que merece a nossa leitura atenta. O Santo Padre aproxima-se de Santa Teresinha do Menino Jesus e lê-a com a clave da confiança, como o próprio título indica. *C'est la confiance* são palavras da própria Teresinha, dirigidas à Irmã Maria do Sagrado Coração, numa carta de 17 de setembro de 1896: «Só a confiança e nada mais do que a confiança deve conduzir-nos ao Amor». A jovem carmelita francesa compreendeu que a confiança é o caminho que nos conduz ao amor apaixonado de Deus e ao exercício do amor para com os nossos irmãos: «Não há outra via que devamos percorrer para ser conduzidos ao Amor que tudo dá. Com a confiança, a fonte da graça transborda na nossa vida, o Evangelho faz-se carne em nós e transforma-nos em canais de misericórdia para os irmãos» (*C'est la confiance*, 2).

O Papa Francisco recorda nesta Exortação os pontos centrais da doutrina espiritual de Santa Teresinha. Retoma o “pequeno caminho” da infância espiritual, já por nós abordado em crónicas anteriores: «Teresinha, porém, prefere sublinhar o primado da ação divina e convidar à plena confiança, tendo diante dos olhos o amor de Cristo que se nos deu até ao fim. [...] Por isso, a atitude mais adequada é depositar a confiança do coração fora de nós mesmos, ou seja, na infinita misericórdia de Deus que ama sem limites e que deu tudo na Cruz de Jesus» (*C'est la confiance*, 19-20).

Esta confiança é provocadora do abandono, simbolicamente vertido na criança que adormece sem medo nos braços do pai. Teresinha incita-nos a vivermos sob o olhar deste Deus misericordioso, totalmente abandonados e confiados no seu abraço: «A confiança plena, que se torna abandono ao Amor, liberta-nos de cálculos obsessivos, da preocupação constante com o futuro, dos medos que



tiram a paz. [...] A verdade é que, se estamos nas mãos de um Pai que nos ama sem limites, venha o que vier haveremos de o ultrapassar e, duma forma ou doutra, cumprir-se-á na nossa vida o seu projeto de amor e de plenitude» (*C'est la confiance*, 24).

Teresinha é, de facto, um *fogo no meio da noite*, para usar uma feliz expressão do Papa Francisco. A sua experiência de fé é mestra para nós e deve abrir o nosso coração para nos deixarmos iluminar por essa luz que nos vem do alto. Em tempos tão sombrios, onde as trevas parecem abafar a luz, Teresinha surge como astro que aponta para o Sol, para Aquele que, com a sua Páscoa, venceu as trevas da morte.

Santa Teresinha do Menino Jesus é bálsamo para o mundo e a sociedade de hoje: «Num momento de complexidade, ela pode ajudar-nos a redescobrir a simplicidade, o primado absoluto do amor, da confiança e do abandono, superando uma lógica legalista e moralista que enche a vida cristã de obrigações e preceitos e congela a alegria do Evangelho» (*C'est la confiance*, 52).

Teresinha continuará a ser uma inquietação para cada um de nós, uma chama ardente que queima os corações empedernidos dos nossos contemporâneos. Com ela, sejamos *rosas* belas perfumadas num mundo tão pálido. Sejamos fogo no meio da noite, anúncio profético do amor misericordioso de Deus.

* Publicado no jornal *Diário do Minho* de 3 dezembro 2023

Que importam os pobres para a história?

Frei João Costa, OCD



1. Do nascimento de Jesus não existe registo algum no civil ou certidão de baptismo na Igreja. Nasceu Ele tão do lado de lá da história, que ninguém registou o principal de todos os nascimentos. Era tão pobre, tão pobre, que na escala social estava no degrau mais fundo e sem sol – quem quereria saber dele? Era, sim, da linhagem do grande rei David – mas quem, olhando para o pai José, o carpinteiro, o adivinharia?

Nasceu num buraco de animais perdido num monte, num daqueles covis em que até custa a crer que as alimárias ali parissem – quem o advertiria? Nasceu num palácio, filho duma família importante, viera destinado a comandar, e alguém haveria de ter celebrado o nascimento do herdeiro com belos charutos e uísques, publicitado nos jornais e têvés, postado no Facebook e no Instagram, ou registado em plaquinhas de argila. Mas não, ninguém nada registou, ninguém nada escreveu, ninguém nada relatou. E para cúmulo, dizem que no parto santo José se adormilou; ao invés, porém, Maria, todas as notícias do Filho guardou no seu coração, e delas algo falou, mas não muito. Já isso é algo, mas pouco.

2. José e Maria, pais de Jesus, eram pobres, mas amavam-se. Mais que tudo, eles amavam-se – amor, esse fabuloso motor da vida que derrete e derrota montanhas! José amava-a mais que a si mesmo, mesmo se a não compreendia inteiramente, nem compreendia porque no corpo da sua Mulher – e não de outra mais senhoril e de nome mais encorpado – acontecia o maior dos milagres: a gestação do Filho de Deus!

Vai lá tu compreender!... Explicassem-lhe por onde lhe explicassem, ele, o homem justo, não entendia, pronto; mas estava ali, ao pé da Mulher, para o que desse e viesse. Não, dali ele não arredaria pé. Não arredaria, não arredou, não arredará.

– Se ela é o que é, a ele lho deve também... –

Como sabemos nós, hoje, Maria e José eram pobres demais para que alguém se incomodasse com o seu

menino nascido naquele buraco achado às pressas; pobres demais para que alguém escrevesse sobre eles ou sobre o recém-nascido.

Sim, é verdade que o Império sabia o que precisava de saber da vida de José; e, ai dele se não tratasse de para ali se deslocar a fim de se recensear na terra da sua família! Ai dele, se andasse por aí a matraquilhar as ferramentas (que é donde os homens justos tiram o sustento para viver); ai dele, se girovagasse por aí sem prova de que pagava os impostos que só os homens casados pagavam (e ele era casado, e até ia ter um filho...)! Sim, o Império sabia tudo isso muito bem, mas não sabia de nada mais, porque o resto eram ninharias. E por isso nenhum escriba ou oficial nada registou. Para o Império o nascimento de um menino não contava para nada – talvez daí a dúzia e meia de anos, quando ele pudesse pegar em armas ou, casando, se obrigasse a pagar impostos. Não, o Império não advertira que o menino nascido no buraco era Deus, nem podia saber que ninguém lho dissera; e se alguém lho dissesse não acreditaria, porque os deuses nascem no Olimpo, em templos ou em palácios, não em buracos. E ainda que aceitasse que pudesse nascer num buraco de um monte, para que queria ele mais um deus, se já tinha tantos com que se ocupar? Que vinha cá fazer um mais? Que virtude ou que poder benfazejo acrescentaria à Humanidade um nascituro dado à luz na cova escura de um monte entre bichos? Sim, por que se haveria de aperceber do Santo Nascimento o poderoso Império dos deuses mais poderosos e avassaladores do momento? Não era ele o vencedor, aquele que esmagava os ratos que se lhe opunham? Para que queria o Império mais um deus – e para mais um de carne frágil e a depender da mama da Mãe? Um Deus de carne pobre em breve deve morrer; por que hão-de dois pobres coitados esfalfar-se no cuidar de um Deus que não é necessário? Enfim, quem, pois, em boa verdade, ao longe ou ao perto, se haveria de incomodar com o nascimento de Deus sucedido às escuras numa lura?

3. É sabido que os pastores não sabiam escrever. Contar, sim; porque é mais fácil contar ovelhas do que escrever-lhes contos! Logo, por que haveriam de ser eles a escrever algo sobre o nascimento do Deus tão esperado? E os primos dos pastores, igualmente pobres, também nada escreveram, ou poderiam escrever, pois também eles não sabiam o que Dele dizer. E se soubessem, que escreveriam eles – que numa noite nascera um menino e fora saudado por Anjos? Escrevessem isso e não faltaria quem dissesse que o vinho da taberna do lugar andava a escoar demasiado depressa goelas abaixo... Dois anos depois, José e Maria ainda se deixavam estar por Belém. A José iam apreciando-lhe o jeito para adoçar a madeira; a Maria, o asseio dos paninhos sempre esplendendo no estendal. E o Garoto? o Garoto era um garoto mais, um párvulo entre os tantos que haveriam de ser da sua igualha nos banquinhos da sinagoga; era um de tantos que, como todos, abundantemente, profusamente, repetidamente, havia sujado os paninhos como... como os demais, como todos os bebês – aliás, a maioria até tinham sido oferecidos por esta ou aquela condoída mãe, pobre como eles, já depois de terem servido para alimpar outros rabos de meninos mais velhinhos...

Não, ninguém reparou no rapaz, para além de que nascera rapaz, e mamara, tivera as maleitas típicas da infância (não recebeu vacinas, atenção...), sujara fraldas, começou a andarilhar pelos nove meses, botou os dentes e choramingou quando um ou outro mais teimoso lhe rasgou as gengivas, ah... e foi visitado pelos Sábios do Oriente. Bem, isso foi festival que ninguém pôde ignorar porque a caravana armou nos arrabaldes da cidade três formosíssimas tendas, fazendo-se notar por alguns dias! Mas assim como vieram, assim se foram: numa inesperada noite, parecendo que a terra os engolira propositadamente, desapareceram; e depois desapareceram a Mãe, o pai e o Garoto! E o que ficou para trás foram boatos que rolavam da boca para o ouvido, como rolam pela poeira dos caminhos certas arbustos secos do deserto que se enovelam com o vento que os impele e os leva.

Não, em Belém nada ninguém escreveu sobre aquela família semi-sem-graça, nem sobre o filho que era Deus! E como seria Ele Deus, se era igual aos filhos das outras mulheres – não era isso que bem se via nas fraldas? Via-se, e via-se bem que Maria era pobre demais para albergar um ventre digno de rei, quanto mais de Deus! E José, mais para o calado e macambúzio que para o tagarela e basó-fias, com jeito para fazer um banco, mas mais propenso a sentar-se e a dormir no chão que a recostar-se numa cadeira, quem lhe daria crédito? Não, nem em Belém nem em Nazaré alguém lhes deu mais crédito que aquele que se empresta ao silêncio desconfiado.

4. É, pois, um homem pobre – e para mais, Deus! — o que celebramos no Natal à roda da mesa farta e com belos hinos sagrados em torno ao altar e do presépio. É por isso que o Natal merece de ti, de nós, de mim, um silêncio respeitador e uma contemplação humilde que nos levem a reconhecer e nos façam saber que o nascer pobre de Deus representa para nós a maior e mais rica lição de vida!

Mas, afinal, que importam os pobres para a história, nomeadamente estes de que falo? Que pode um pobre contra as lanças de um poderoso exército, ou contra a força dos gonzos das fortalezas que resistem anos e anos a um cerco? Não sei. Algo, porém, pressinto, mas não sei bem o quê.

Em cada Natal sinto o mesmo: olho o meu prato largo e fundo e com azeite à espera do bacalhau, e entope-se-me a garganta com pensamentos sobre pobres que lá fora rapam frio, e não têm nem bacalhau nem azeite nem prato nem mesa... e são presépio.

Ainda não é Natal e há já bastos dias que se me vem enovelando o coração e turvando o olhar com a lembrança daquele escuro covil onde, fulgurante, numa noite, nos nasceu a luz do Salvador. E não é que vindo para os seus, eles Lhe fecharam a porta e trancaram o coração – que nascesse entre bichos, como entre bichos andaram e cirandaram Adão e Eva!

Ainda não é Natal, não, nem na igreja jaz ainda o presépio, mas já me entorneço com a lembrança do pimpolho ao colo do pai – ó carne bendita, em cuja fragilidade de criança mora ignorada a imensa plenitude de Deus! Como, pois, me haverei de calar, como não chorarei de admiração, como ousará fechar-se algum coração com algo de humano, diante de tão imenso, de tão intenso mistério? Aliás, ou melhor, como não me calarei eu em calado silêncio diante de Ti, ó Verbo eterno escondido na carne?

Ainda hoje não é Natal e sinto o longo desconforto que me incomoda por me caber trazer o passado para o presente – como celebrarei, como cantarei ou comerei, como rezarei ou agradecerei o mistério da ternura de Deus também por cada um de nós, os de hoje? Sem que insulte os pobres, os que rebuscam nas sobras dos ricos um futuro para as suas famílias, me pergunto: como se traz para o meio dos fartos de abundância, e dos enjoados de comida e oportunidades, como se traz para o meio de nós a memória desse Excluído de há dois séculos? Onde está a possibilidade de emprego justo para G., desempregado aos 58 anos, que só quer ganhar pão com o suor do seu rosto? Quem acolhe ou compreende e aceita como amigo a T., 35 anos, que não se aceita a si mesmo por sofrer de doença congénita? E quem abençoa ou recebe os votos de consagração de A., 42 anos, a quem, há poucos dias rasgaram as constituições? Quem abre uma porta, ou quem sabe, apenas um postigo, a M., 45 anos, vítima de um absurdo assédio moral no emprego? Neste Natal, que direi, ou como direi Deus a tantos excluídos que, por ironia, até conhecem, e dedicadamente servem, o Excluído?

5. E mais, o que entre tudo é, para mim, o mais difícil: como é que neste Natal sementearei futuro; ou, como quem diz, como sementearei esperança, como abrirei um carreiro ou uma clareira para os que na Noite Santa cantarão com os anjos, e comigo, o *Gloria in excelsis Deo*? Como é que a tantos de coração cansado e abatido que teimam em resistir para não desistir, como é que lhes direi que só o pobre triunfa, só o pobre importa e vence, no fim da história?